

Cita bibliográfica: Anónimo (Bento Morganti) (Ed.): "Num. 7", en: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.2\007 (1753), pp. 49-56, editado en: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Ed.): Los "Spectators" en el contexto internacional. Edición digital, Graz 2011-2019, hdl.handle.net/11471/513.20.4509

N.º.7

Fim do Sonho Moral.

Vamos dando fim a esta conversa, porque tambem he sonhar muito para quem dorme taõ pouco. Se todos foraõ do meu genio naõ se haviaõ de enfasiar com documentos taõ bons como eraõ todos os que Diogenes costumava dar; mas como os gostos taõ diferentes pode ser que haja muitos que naõ queiraõ ter tanto sofrimento em ler, como o mesmo Alexandre teve em ouvir, nem tanta paciencia como eu tenho em escrever. Mas vamos com a oraçaõ por diante, que cuidoo desta seita lhe darei fim.

Dizia mais o Amigo Diogenes: Toda a justiça deve identificar-se com o Principe de tal sorte que em nenhum tempo d'elle se separe. Esta hade ser a sua primeira, e ultima esposa, aonde prolifiqua a paz fecunda, e de donde naça a tranquilidade do Reyno. He taõ grande a necessidade desta virtude, que ainda os que se alimentaõ de tiranias, e maleficios sem alguma sustancia da justiça naõ podem viver. Oh que terrivel, e quasi brutal he aquella proposiçaõ: *Licet si lubet*, e pelo contrario muito racionaol a outra *minimum decet libere, cui nimium licet*. Quem mais pode, e se modera merece mais do que aquelle que naõ faz mais porque mais naõ pode. Tenha o Principe respeito naõ só ao que pode, mas muito mais ao que lhe he permitido. He maxima diabolica, e com tudo ainda se uza; que toda a força dos ceptros acaba quando principia a pezar o que he justo; porque os ceptros nunca melhor florecem se naõ quando delles brota a justiça. O Direito, e a Equidade saõ os laços, comque se subjugaõ, e sogcitaõ os subditos. Tirada a justiça naõ seriaõ os Reynos mais que bosques de feras; estacadas de Gladiadores, e seminarios de latrocinios. He tambem barbaro aquelle Dogma: *Na mayor fortuna aquillo he mais justo que he mais poderoso*. Quem mais poderoso que Deos, mas tambem quem he mais justo que o mesmo Deos? Ainda que o Rey possa tudo, nem por isso deve querer tudo quando pode naõ sendo digno de louvor. Naõ se ouça mais a outra blasfemia, de que *naõ he injusto o que só he util ao Principe*. Naõ ha couza mais fructifera, e util que a justiça com a qual cheios de prosperidades se observaõ risonhos os Reynos, ao mesmo tempo que naõ ha couza mais esteril que a injustiça, aonde cheyos de espinhos choraõ os Povos: com a Piedade, e com a justiça saõ os Principes Deozes. Poucos dias ha que por acazo me succedeu ler alguns versos de Hessiodo filho das Musas, entre os quae achei estes dous, que com hum cravam escrevi, para me naõ esquecerem, em huma desta aduelas da minha pipa, dignos certamente de se gravarem com caracteres de Estrelas ao redor do Arctico Polo: quereis, que eu os lea?

A. Le-os muito embora, que pòde ser que os illustres com algum comento, porque naõ sou taõ inimigo do estudo como imaginas; pois à cabeceira da minha cama junto com a minha espada tenho o grande Homero, para final de que igualmente amo as letras, e as Armas.

D. Fazeis muito bem, õ Senhor, porque assim resplandecerà o vosso nome mais illustrado pelas letras, que pelas Armas. Estas naõ tem luzimento se o naõ recebem daquellas: porque só as penas saõ as q# fazem voar a Fama dos Heroes: e todas as bêlicas trombetas naõ equivalem ao som de hum só Homero, por quem Aquilles, e Ulysses viveraõ sempre gloriosos para a posteridade.

A. Felices Heroes, q# alcançaram hum Poeta tam celebre; infeliz Alexandre a quem falta hum Homero, que celebre as suas acçoens?

D. Ouve os versos, e naõ desconfieis, que te falem Homeros se lhe deres a trombeta de ouro?

A. Naõ he possivel, que ache hum Homero, e se eu o podesse fazer voalar là desse Lethes, de boa vontade daria todos os meus Thesouros, e na sua cabeça colocaria a minha propria Coroa.

D. Isto, Senhor, saõ verdadeiramente sentimentos generosos? Naõ saõ assim aquelles Grandes miseraveis, que tem sempre as mãos fechadas parecendo mais Alferes, que Capitaens, e mais Tenentes, que Generaes.

Ex aqui os versos de Hesiodo:

*Hac una, reges olim, sunt fine creati:
Dicere jus populis, injustaque tollere facta.*

A. Reparo naquelle *Olim*, que quasi me parece quer dizer, que já hoje os Reys não administram justiça, nem se applicaõ a extinguir as obras màs dos seus subditos.

D. Como pòdem os cegos servir de guias, e conduzir os coxos? Aquelle *Olim* não exclue o tempo futuro; porque na eternidade tudo se contem em hum só ponto o preferente, o passado, e o futuro. Mas neste lugar o *Olim*, he relativo ao futuro, e quer dizer que se antigamente os Reys eraõ justos, e zelozos dos seus Povos para a observancia das leys Divinas, e humanas, viriam para o futuro taes, e taes soberanos, que servos do interesse, e escravos da ambiçaõ, pizariaõ ainda os altares para delles fazerem degraos para a tirania: e como serà possivel que estes possam supprimir os delictos, e oprimir os delinquentes, se são mais protervos, que os proprios subditos? Não se deve por esta causa aborrecer a clemècia causa desprezo; mas a moderada cõcilia ao Principe o amor do Povo. Quem quer reynar pacifico não deve trocar o ceptro em vara, só quando o delinquir se converter em contumacia, e a enormidade do excesso provocar a gravidade do castigo. Faça se o Principe mais amado pela benignidade, q# temido pela acrimonia. He aforismo irrefragavel, cuja prova he authorizada pela experiècia, q# todo o soberano, q# com a benignidade, e mansidam temperou o mando, o cõduzio com candida, e alegre vida atè a huma dilatada, e descançada velhice.

A demaziada severidade diminue com a sua frequencia a authoridade do que manda; e aquelles excessos que sem pre se castigam, mais vezes se cometem. São como estas plantas, que tomam mais vigor do mesmo ferro que as corta; assim a crueldade so castigo acrescenta ao que pune as inimizadas. Aquelle temer he temperado que refrea os culpados; mas o continuado, e violento excita para a conspiraçãõ do odio ainda os justos. A crueldade augmenta nos que governaõ o temor, e não o poder, e quando aquelle cresce, este muitas vezes diminne. Não se hade satisfazer tanto da pena, que algumas vezes se não satisfaça com a penitencia dos Reos. Oh como he agradável o perdaõ, que se dà aos miseraveis, que nem porisso (sic) ficam injuriados, porque tambem he pena verem-se humilhados, e ouvirem-se supplicantes. O amor se compensa com outro amor; o respeito nace da estimaçaõ, que se faz da virtude, e não do medo da regidez.

A. Muito grande gosto tive, Diogenes, de ouvir a tua liberdade Cinica, e muito tenho aprendido da tua doutrina taõ erudita. Vem commigo para a Corte, que eu prometo de te dar lugar na minha meza, aonde se sentaõ os Filozofos, que antepoño a estes meus Generaes, que me coroaõ.

D. Disso me livrarei eu muito bem. Pare-ceme (sic), descubro no teu semblante huma linha Marcial, que ameaça teres muito de irascivel, não só com os teus inimigos no campos, mas tambem, com os teus familiares na meza. Vejo entre outros Calistenes, que me parece hum cadaver em pè, porque sem advertencia se quiza introduzir na Corte, que he o sepulcro dos vivos, e particularmente dos Filozofos. Eu prefiro esta minha Pipa ao teu Palacio, onde tem pouca duraçaõ o que quer professar a verdade. Eu, Alexandre, quero morrer de morte natural, e não violenta: sou demaziadamente verdadeiro, e tu excessivamente iracundo; deixa-me, que quero ficar na minha Pipa entregando-me ao verdadeiro estudo da Filosofia.

A. Já que não queres vir comigo, pede-me ao me menos algũa mercê, que não faltarey em tudo o que me pedires.

D. Hum Filozofõ que tudo despreza, tambem não faz cazo de quem pòde dar tudo, porque quasi tudo quanto dà, nada he seu.

A. Manda-me ao menos, que faça alguma cousa.

D. Já que tanto apertas, eu te mando que te vãs embora, e que me deixes no meu socego. E se me podes dar o que te sobeja, deixa-me agora, e não me tires o que me não podes dar.

A. Que cousa pòde haver, que eu te não possa dar?

D. O sol, com que me aquento, e tu me impedes. Eu não quero a sombra dos Grandes, nem della faço cazo, porque ordinariamente esta sombra prejudica muitas vezes aos Filozofos.

A. Grande humor, grande engenho, e grande ingenuidade! Eu vos juro, amigos, que se nam fosse Alexandre, quizera ser Diogenes.

D. E eu juro, Alexandre, que se não fosse Diogenes nam quizera ser Alexandre.

A. E porque aborreces tanto, e detestas o meu estado?

D. Porque quem me contenta com o meu estado, està mais contente, e alegre do que aquelle que dezeja adquirir mayor grandeza, passando sempre os dias em dezasocego continuado: e assim peçote muito por favor, que me nam inquietes do meu descanso, e retirete, porque quero dormir algum pedaço, para me refazer do sonno, que perdi a noite passada. Vê agora se eu poderia dormir quando quizesse, e estar descançado no meu apozeno se estivesse no teu Palacio, e tivesse entrada na tua Corte: nella certamente havia de perder naõ só a liberdade de dizer, mas ainda a de obrar.

A. Se tu nella vivesses serias senhor de obrar, e de dizer tudo quanto quizesse muito à tua vontade.

D. Com tudo isso naõ me quero fiar muito nessas promessas; e he muito melhor viver pobre, e livre, que rico, e escravo.

A. Finalmente, Diogenes, já que assim queres eu me vou; mas podes gloriarte de que te obedeceu hum Alexandre, cujo nome faz tremer todo o Oriente.

D. De frio, ou de medo?

A. De medo!

D. Por isso mesmo he de frio; porque bem frios sam todos os que tremem mais de hum homem do que de Deos. Eu que temo a Deos, te naõ temo a ti, e por isso nam quero responder maes.

Partio Alexandre admirado de como o tinha tratado Diogenes, mas muito mais admirado da substancial verdade, com que tinha Filosofado; porque nesta Practica restringio Diogenes tudo quanto em muitos volumes se pode ler sobre a arte de governar bem. Aos Principes tudo se deve dizer em epitome; porque os Aforismos Politicos se ideam à imitação dos Adagios vulgares: e ainda que muitos escreveram neste genero, poucos foram os que escreveram taõ bem como agora falou Diogenes. Bem sei que tudo isto foi sonho; mas se tudo quanto se sonha naõ he verdade, pode ser verdade muitas vezes o que contem a especie do sonho. Imagina hum homem sonhando, que anda, que passeia, que vê campos, que vê batalhas, que vê riquezas, e que vê muitos cabedaes, e suposto que nada disto vio, porque nam passou da sua cama, e talvez se nam bolio do mesmo lugar, em que se deitou, com tudo he verdade que passeam os homens, que ha campos, que ha Batalhas, a que ha no mundo riquezas: e assim se o que imagina he sonho, nada do que sonha deixa de existir. Por isso ainda que esta practica, e este discurso foi hum puro sonho, he com tudo verdade pura quanto nelle se contem. O que eu duvido muito he que haja preferentemente no mundo ao menos hum só Diogenes, nam faltando nelle muitos Alexandres: ainda que a culpa nam he totalmente dos Princepes, mas procede tambem dos Philosophos; porque já hoje todos estes encaminham suas subtilezas, e os seus fins a achar na graça dos Princepes a pedra Filosofal do valimento, e deixam correr o mais como corre, o ponto està em que se nam alaguem as suas idéas, para dellas a seu tempo colherem o premeditado fructo de suas esperanças, invertendo nisto todos os dictames, e as boas regras da verdadeira Filosofia moral, cujo uzo he o mais util, e o que maes aproveita a todos.